

# A dinâmica de relações de classes e a economia política

- Considerando o trecho “o fato de que a burguesia brasileira, finalmente, aceitou o papel de sócio menor em sua aliança com os capitais estrangeiros e decidiu intensificar a capitalização, rebaixando ainda mais o nível de vida popular” (p. 47) e a nota 12 do rodapé da mesma página, é possível afirmar que a cooperação (rompida na década de 1960) entre burguesia nacional e proletariado, na esperança de que o desenvolvimento (progresso) industrial solucionasse problemas internos do Brasil, contribuiu para a superexploração do trabalho da própria classe operária e consolidação da pequena e média burguesias como mero instrumento de extração de mais-valor relativo dessa mesma classe operária, com vistas à acumulação do capital dos países de centro?
- Nessa linha de raciocínio e considerando o conceito cibernético de phishing (técnica de engenharia social na qual pessoas mal intencionadas tentam obter informações confidenciais como senhas, informações bancárias e outros dados, fingindo ser uma entidade confiável), a transformação social e econômica descrita por Ruy Marini seria a demonstração de que ocorreu uma espécie analógica de phishing?
- Aline Bastos Meireles Mandarinó

- No trecho da semana, Marini faz uma análise da disputa de classes que acontecia no governo de João Goulart. Em dado momento, Marini descreve a demanda da classe burguesa direcionada a Jango no sentido do reestabelecimento das condições necessárias à rentabilidade dos investimentos no Brasil, afirmando: "A logo prazo, isto significava ampliar o mercado interno, através de uma reforma agrária que, enquanto não desse resultados, se compensaria com a ampliação do mercado externo buscado pela política externa."
- Nesse sentido, o debate no Brasil da necessidade da reforma agrária se fazia não somente por movimentos populares e pelos partidos de esquerda, mas também por alguns setores da burguesia, como pode ser visto na citação acima. Contudo, me parece que essa pauta histórica foi abandonada (talvez a partir de 1988) não somente por frações da burguesia, como por alguns movimentos e partidos de esquerda. Por que isso acontece? Pela perspectiva da burguesia, não existe mais a necessidade de ampliação do mercado interno (como é colocado no livro)?
- Fabiana Nogueira Coelho

- Segundo o texto de Marini “A intervenção norte-americana não tardou tampouco em se revelar. Como declarou publicamente o subsecretário Thomas Mann, os créditos da ALPRO, sem passar pelo governo federal, se dirigia, àqueles governadores “capazes de apoiar a democracia”. Só o governador Carlos Lacerda recebeu, entre 1961 a 1963, 71 milhões de dólares por essa via. O embaixador Lincoln Gordon desenvolvia uma atividade imensa junto às classes empresariais. E um organismo diretamente financiado por grupos estrangeiros e - como denunciou o governo de João Goulart – pela Embaixada dos Estados Unidos, o Instituto Brasileiro de Democracia (IBAD) interferiu diretamente na vida política, apoiando um grupo parlamentar (Ação Democrática Parlamentar) e financiando, nas eleições, os candidatos de sua preferência.” (pag. 41)
- Analisando o texto acima, é possível afirmar que a relação entre o Brasil e os Estados Unidos pode ser descrita não de dependência ou co-dependência, mas sim intervencionista, tendo em vista a manipulação agressiva do país central na economia e política internas, buscando, unicamente a obtenção de capital?
- A intervenção estratégica estrangeira intensifica a força da coalização dominante (cisão horizontal), oprimindo a massa trabalhadora?
- Por fim, podemos afirmar que a intensificação da força da coalização dominante é antagônica aos seus anseios, já que a opressão da massa trabalhadora impede a formação de mão-de-obra qualificada, e, conseqüentemente a ampliação do mercado interno com criação de indústrias modernas?
- Jeniffer Simoni Morbi Piga

- Marini comenta que a expansão subimperialista do Brasil, foi uma tentativa de integrar a América Latina economicamente, sob o comando do imperialismo dos Estados Unidos (p. 70). Cita o autor que só seria possível realizar tal integração no âmbito da cooperação antagônica. De que forma essa cooperação influenciaria na contenção da ascensão revolucionária das massas trabalhadoras que menciona o autor no mesmo parágrafo (p. 71)?
- Barbara Rocha Franca

- Em análise ao livro citado, no que tange sobre as discussões dos partidos esquerdistas, haja vista sua divisão, na década de 1960, o Autor demonstra a existência de dois “partidos”, o PC e a Ala Esquerdista do nacionalismo, além de demonstrar suas diversas subdivisões. (pg. 39).
- Observa-se, por oportuno, que todas as subdivisões, apesar de terem, como intuito a melhoria da população proletária, teve muitos altos e baixos, porém, muito dessas subdivisões ocorreram no governo de João Goulart que debatia as reformas de base (algo incomum em um período em que a escravização, continuava latente, – Não muito diferente dos dias atuais -), o que podemos dizer ser algo positivo.
- Pois bem, a POLOP – a Organização Revolucionária Marxista, Política Operária –, que atuava nessa tentativa de ascender o proletariado, perde sua força no regime militar, no ano de 1964, no qual destruiu boa parte – se não toda, das tentativas de inclusão da classe trabalhadora.
- Em sequência, na página 49, o autor descreve como os Estados Unidos influenciou no Regime Militar nos anos de 1964 a 1967 – já no governo de Castelo Branco – e, como sempre, diminuindo os efeitos negativos que este regime trouxe ao país.
- Vejamos que a tentativa de ascender os trabalhadores possuía, também, caráter econômico, haja vista as diversas crises que o país já sofria e vinha sofrendo constantemente. (pg. 56/57).
- Portanto, considerando a necessidade de divisões de partidos esquerdistas e, alguns, já voltados ao pensamento marxista, bem como, governos brasileiros que, uns discutiam a necessidade do proletariado em ascensão, outros desconsideravam tal necessidade e, quanto isso, o país sofria fortes crises econômicas, com base no aumento populacional e sem estrutura social, não podendo esquecer o Golpe Militar ocorrido nos anos de 1964 a 1985, me questiono, desta forma, se toda a divisão ocorrida, dos partidos esquerdistas, de fato, foram eficazes para a luta do proletariado, ou se, estas divisões acabaram, ainda que não proposital, dificultando a vida do trabalhador, principalmente à época do Golpe Militar.
- Carolina Lopes Araújo

# Questões metodológicas

- Creio que vale colocar que a partir da página 51, até o final do capítulo, com a explicação sobre cooperação antagônica, de August Talheimer, joga-se luz sobre a questão do desenvolvimento desigual e combinado.
- No mais, a despeito de Edelman só ter escrito “A Legalização da Classe Operária” no final da década de 70, chamou-me a atenção a possibilidade de leitura edelmaniana de todo o excerto, a começar por “o povo como tal não existe” (p. 35), - assim como Edelman declara que a classe operária não existe, - até o fim, em que se fala sobre “restabelecer entre a burguesia e as massas o diálogo político” (p. 71, sendo várias as passagens em que se menciona a inviabilidade desse diálogo), pois, em termos práticos, a burguesia apenas cede ao proletariado em conteúdo, a fim de estancar rompantes revolucionários, e elege o direito como arena, campo em que garante sair vencedora. Posso fazer essa leitura sem ser anacrônica em relação ao Marini?
- Karen Regina Bertolotti Cury

- “Duas coisas bem distintas
- Uma é o preço, outra é o valor
- Quem não entende a diferença
- Pouco saberá do amor
- Da vida, da dor, da glória
- E tampouco dessa história
- Memória de cantador.”
- (El efecto - O encontro de Lampião e Eike Batista)

- Karl Marx discute a diferença global entre o preço e o valor na constituição da mais-valia. Assim ele definirá n'O Capital:
- O lucro, tal como o temos inicialmente ante nós, é, portanto, o mesmo que a mais-valia, apenas numa forma mistificada, que, no entanto, brota necessariamente do modo de produção capitalista. Já que na formação aparente do preço de custo não se reconhece nenhuma diferença entre capital constante e variável, a origem da alteração de valor, que ocorre durante o processo de produção, precisa ser deslocada da parte variável do capital para o capital global. Já que num pólo o preço da força de trabalho aparece na forma transmutada de salário, no pólo antitético a mais-valia aparece na forma transmutada de lucro.
- Ou seja, mais-valia não é lucro em si, mas uma expressão global do processo de produção e circulação de mercadorias. Disso decorre um problema fundamental para o marxismo que é localizar o papel do Estado Nacional em um modo de produção que Marx já previa que ia se globalizar. No caso dos países atrasados a burguesia cumprirá um papel na direção do Estado-nação, mas está atada ao modo de produção que lhe permitiu deter esse protagonismo, Trótski analisará esse problema do seguinte ângulo em 1938:
- Os países coloniais e semicoloniais não estão sob o domínio de um capitalismo nativo, mas do imperialismo estrangeiro. Mas, ao invés de debilitar, esse fato fortalece a necessidade de laços diretos, diários e práticos entre os magnatas do capitalismo e os governos que deles dependem nos países coloniais e semicoloniais. À medida que o capitalismo imperialista cria, nas colônias e semicolônias, um estrato de aristocratas e burocratas operários, estes necessitam do apoio dos governos coloniais e semicoloniais, que desempenhem o papel de protetores, de patrocinadores e às vezes de árbitros. Essa é a base social mais importante do caráter bonapartista e semibonapartista dos governos das colônias e dos países atrasados em geral. Essa é também a base da dependência dos sindicatos reformistas em relação ao Estado.
- Embora a análise de Trótski corresponda a um momento de iminência da Guerra Mundial inter-capitalista, avaliamos que essencialmente se expressa a contradição nos termos da localização da burguesia de um país semicolonial, incluindo a tendência bonapartista que Marini analisará no Brasil, mas não estariam essas formulações de Marx e Trótski em contradição com a proposta de "sub-imperialismo" de Marini?
- Caio Silva Melo

# Teoria da dependência e forma jurídica

- No intervalo proposto para leitura, Marini trata sobre o aprofundamento das contradições do desenvolvimento do capitalismo no Brasil, sobretudo no início da década de 1960 até o golpe empresarial-militar. É possível compreendermos que a intervenção militar no Brasil, sob o ponto de vista da burguesia em ascensão, era fundamental para o desenvolvimento capitalista particular, que garantiu a reorganização dos capitais internos e externos, objetivando, por exemplo, reduzir o acirramento entre burguesia industrial e latifundiários. Porém, como é de conhecimento, as classes trabalhadoras sofreram as consequências diretas e terríveis do golpe empresarial-militar. Dito isso, como podemos posicionar o papel da forma-jurídica nesse período? Aqui, no momento anterior ao golpe empresarial-militar, que despontava uma profunda crise na economia brasileira e o fortalecimento das massas populares, podemos dizer que a forma-jurídica perde espaço frente à violência estatal como forma de contenção dessas massas populares? E, como consequência dessa movimentação contraditória entre a consolidação do capitalismo no Brasil e o acirramento da violência estatal, nesse período a forma-jurídica assume contornos particulares para consolidar a exploração capitalista do trabalho na realidade brasileira?
- Bruna Maria Expedito Marques